



Alberto Ferreira 1920-2000 escrita e intervenção, BNP Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, 2010, ISBN 978-972-565-454-5, pp. 64-66.

Num tempo em que os falcões abatem as pombas...

Querido Professor,

meu muito querido Professor Alberto Ferreira:

Lembro-me bem da pujança das suas aulas de Cultura Portuguesa na minha permeabilidade imatura e frágil de jovem aluna da licenciatura de Línguas e Literaturas Modernas, concluída em 1985.

E da sua força também: o homem belo e alto, magro e flexível, com entusiasmos na voz rouca, esquecido por vezes do seu público, enredado nas divagações filosóficas que cresciam, espiraladas, em novas áleas de reflexão e de uma inteligência em processo, atraente e reveladora, às vezes ofuscante até me deixar – menina e moça...– boquiaberta de espanto. O saber em processo de se ir construindo, o raciocínio em gestação, a capacidade de relacionar e estabelecer linhas de conexão e compreensão entre fenómenos, conceitos, reais, puro acontecer. A revelação de um mundo em que o intelectual exercia em permanência a sua afinidade electiva sobre as coisas até lhes apreender os sentidos e perceber as leis e categorias de funcionamento, para poder escolher livre e conscientemente caminhos de justiça e fraternidade. Uma espécie de escola da humanidade, repleta de referentes históricos e de leituras multifacetadas, capazes de transformar a epistemologia numa conversa motivadora e urgente como um novo dia de sol.

Tudo pautado por uma paciência de Mestre que espera serenamente pelo andar mais lento e inexperiente do jovem aluno, espantado perante tanta novidade e tanta janela aberta para mundos desconhecidos. Tudo sabiamente alimentado com a leitura rigorosa e atenta, sensata e compulsiva de fontes directas, como esse imenso e prodigioso Verney com o seu *Verdadeiro método de estudar*, que nunca teria sonhado compaginar antes da sua revelação de Professor. Tudo temperado por uma capacidade de afecto, de partilha e de ouvinte, notável e rara como o amor verdadeiro, o autêntico.

Lembro-me dos corredores escuros da Faculdade de Letras de Lisboa e de como os seus passos os iluminavam com uma estranha luz engendradora de futuros; lembro-me da ruidosa e caótica sala do bar, onde partilhávamos frugais almoços e o cheiro de um café que eu ainda não bebia... Lembro-me de o Professor achar graça ao ovo cozido da minha dieta e de ocultar, com pudor, pormenores de uma fome ou de uma tortura do sono que teria sofrido nos tempos da ditadura. Como se não quisesse conspurcar a limpeza do nosso puro horizonte com as negruras de um bolor salazarento, que o infectou no cerne da sua maturidade de homem de pensamento e de acção. Lembro-me do orgulho com que nos contava da sua profissão de agrónomo, e como não perdia uma oportunidade de nos fazer perceber a necessidade de um país se alimentar a si mesmo. Lembro-me que corava quando percebia que estava a falar há muito tempo e uma auréola se criava, à sua volta, de silêncio quase religioso, de voluntário respeito por um mestre querido. Então envergonhava-se das suas ousadias e escutava, com humildade, as inquietações e dúvidas de jovens com sonhos por cumprir e desejos para semear num amanhã melhor.

Lembro-me do primeiro tema que nos pediu como reflexão escrita – a autenticidade e a verdade – à procura da nossa essência e verticalidade nos interstícios das palavras alinhadas pelo pensamento. E julgo que terá sido nesse ponto, em que a escrita revela e nos revela, ténue véu de um raciocínio projectado por um coração ansiando pela dádiva da partilha, que a amizade entre nós uniu dois afluentes de um mesmo rio de humanidade.

Estive a reler as muitas e generosas cartas que me enviou desde 1986 até 2000, saboreei cada beijo, cada conselho, os abraços apertados de um Professor que me via como sua *afilhada electiva*. Descobri-me menina, mulher, mãe, professora, entusiasta, inquieta, maravilhada, construtiva, sempre desejosa de o saber bem a si, confortado por um halo de bondade que só a amizade e a família podem trazer. E admirei-me, confusa, por perceber que me pediu tantas vezes perdão por não ter respondido aos meus postais e bilhetes com a prontidão desejada, ensombrado por uma doença que limitava a sua mobilidade e minava a sua vontade, fazendo do tópico da dificuldade da escrita e do sofrimento físico um dos mais glosados. Não sei se lhe disse com veemência suficiente que me teria bastado sempre e só a minha intrusão na sua solidão, o meu sorriso apaziguador sobre as dores que o prostravam, a minha fidelidade sem exigir factura. Uma fidelidade à amizade que passa além-túmulo, como o Professor bem suspeito tão cedo nas nossas trocas epistolares, essa dádiva aos outros que é o melhor da humanidade em nós, essa fatia que nega o *lobo do homem* e permite as tréguas do coração e do pensamento. A paz possível num *tempo em que os falcões abatem as pombas*, como dizia o aviso do Professor, tão desejoso quanto impossibilitado de proteger a sua jovem aluna das ciladas da vida.

Acredito, pois, que foi a pura força dessa amizade que lhe permitiu escrever as minuciosas e tremeluzentes linhas das suas quase indecifráveis e doridas cartas (lidas com a ajuda de uma lupa, como um manuscrito, fiel depositário de segredos cifrados), onde por vezes espreitava o fulgor de outrora num projecto de escrita renovado, numa nova publicação anunciada, num diálogo à distância sobre o mundo e a sua multiplicidade de organizações, a legitimidade dos sistemas políticos e a sua influência sobre o viver dos homens, a importância do pormenor e do familiar em nós. A nossa amizade reflectida em 28 textos epistolares – documentos pungentes e extraordinários sobre a resistência à dor, à doença, à degradação, à solidão e ao esquecimento dos outros; afirmações gritantes de um intelectual sobrevivente a si mesmo ao longo de 15 anos de sofrimento e debilitação física.

Na minha insegurança de pupila, desejosa de continuar com o mestre na duração do tempo, temi e antecipei a sua morte algumas vezes, até que ela chegou mansamente, num telefonema de domingo à tarde, na voz amiga da Professora Cristina Ribeiro. A dor partilhada entre os que se querem bem... O novo século tinha começado e eu estava a terminar a minha tese de doutoramento – *Afonso Lopes Vieira. A reescrita de Portugal* (2001) – onde registei uma última homenagem ao velho e querido Professor.

Percebo agora, e é sobretudo isso que lhe quero dizer nesta carta para lá da morte, por mais estranha que possa parecer a associação do nome de Alberto Ferreira com o de Afonso Lopes Vieira, que os Mestres autênticos na nossa vida são raros e preciosos, seiva e sangue no caminho da Bondade e da Verdade.

Espero um dia poder sentar-me consigo, Professor, e com o Afonso, a essa tábola dos homens bons.

A sua eterna aluna abraça-o *et nunc et semper*,
ex corde,

Cristina Nobre.

S. Pedro de Moel, 5 de Julho de 2009.